



ESCLARECIMENTO

Boletim de Trabalhadores para Trabalhadores

A ABRIR

Não gostamos de touradas, mas como temos um amigo metido nestas coisas, ele, sempre que nos encontra, faz questão de irmos à próxima. Nestas circunstâncias, não conseguimos negar três ou quatro convites ao longo de alguns anos. Numa das corridas, e quando assistíamos ao espectáculo, aconteceu que um touro, saltou a barreira e cricou burborinho entre a assistência mais próxima. Quando demos por nós, estávamos dentro da arena, vazia de touros mais cheia de espectadores, isto depois de termos corrido uns metros e saltado a dita barreira. Fim do espectáculo, mantendo ainda na retina os cornos pontiagudos da bête, dissemos ao nosso amigo que só voltaríamos a uma tourada quando se verificasse uma das seguintes condições: ou dispostos, como pegadores a enfrentar com nobreza, na arena, lugar próprio, os touros, pegando-os de caras, ou como espectadores mas nesta condição, só quando o nosso amigo conseguisse pôr mais altas as barreiras, de forma a não permitir misturas que não toleramos.

Há pouco tempo, voltamos a encontrar o nosso amigo, que depois do habitual cumprimento, nos disparou: Então? na próxima lá estamos !... Dissemos-lhe que ainda não era a melhor altura para irmos para a arena e simultaneamente perguntamos-lhe se já tinha conseguido pôr as barreiras de modo que os touros não saltassem cá para fora. Ao que ele respondeu que não. Então amigo, - Estinamos as nelhoras, touros fora da arena, só no prato com batatinhas fritas...

Fundação Cuidar o Futuro

ESSA TÃO FALADA UNIDADE...

Apetece-nos começar este artigo com um veemente apêlo: - Deixem os trabalhadores unir-se. E apetece-nos começar desta forma porquanto têm a sensação do peso das multiplas acções que duma ou outra forma têm contribuído para o amontoar de dificuldades e de barreiras que se têm levantado à possível, à natural, à necessária unidade dos trabalhadores e do povo em geral.

Ora bem, parece-nos que a unidade é algo de necessário e importante para que determinado grupo de interesses seja eficazmente defendido. Sabemos que um grupo de interesses comuns a determinada classe deve ser consentâneo, com objectivos imediatos, a médio e a longo prazo dessa classe, assim como deve ter em conta, deve demarcar bem, os interesses dos grupos opostos, da classe que se lhe contrapõe, em termos também de delimitação exacta. Sabemos que a acção dinâmica duma luta de classes deve beneficiar de permanentes ajustamentos para que se torne efectivamente realista, operante e naturalmente vitoriosa. Deve-se ter permanentemente em linha de conta com quem se luta e contra quem se luta, que condições se tem para lutar, que luta se vai desenvolver.

Ao fim de longos anos de fascismo, a unidade contra o fascismo estava feita e por isso ele caiu. Veio o 25 de Abril e essa unidade foi espontanea e visível. O processo desenvolveu-se e as contradicções sucederam-se. Enquanto no campo politico não esquecemos as promessas/compromissos de certos dirigentes partidários, por ocasião por exemplo do 1º de Maio de 1974 e as compararmos com a sua actuação posterior e o comportamento dos trabalhadores, que muitos deles constituem as suas bases, também no campo sindical, não podemos deixar de analisar todo o processo com contradicções prejudiciais

à tal tão necessária unidade.

Porque somos sindicalistas, defensores naturalmente críticos do Movimento Sindical Unitário, é natural que centremos o nosso artigo a este nível. Sim, porque, não nos espanta que a direita tudo faça para dividir os trabalhadores. É a sua acção natural. Não podemos esperar dela outra coisa. É a propósito: alguns (poucos) trabalhadores têm-nos posto a questão da direita, de não a identificarmos. Nós achamos que sim, que constantemente a identificamos. Só que talvez não a identifiquemos da forma mais usual porque logicamente, não nos parece a melhor, a mais correcta. Mas aqui vai, no hoje, a nossa identificação de direita. A direita para nós, é formada por todas as forças, organizações ou pessoas que estão objectiva ou subjectivamente, mas sempre deliberadamente contra a Constituição. Podem dizer-nos que a Constituição tem várias leituras. Nada mais certo. É como quem puxa a brasa à sua sardinha. Nós, trabalhadores, puxamos, logicamente a brasa às sardinhas dos trabalhadores. Lêmos progressista uma Constituição que o é.

A unidade pressupõe um projecto comum, uma acção comum. Esse projecto comum, essa acção comum, devem portanto integrar, e integrar de forma natural e objectiva toda uma dinâmica participativa, critica e autocritica aos interesses comuns que a determinam e a impõem.

Continuamos a analisar a unidade face ao Movimento Sindical Unitário que defendemos critica e autocriticamente. E se assim o fazemos é por continuarmos a entender que a esse nível a verdadeira unidade tem que ser atingida passando para além das correcções evolutivas, também pelas correcções produto da critica e autocritica sempre não só necessária, mas indispensável. Neste aspecto, por exemplo, temos constactado o seguinte: nas grandes manifestações de massas que o Movimento Sindical Unitário tem organizado, é evidente a unidade reflectida por muitas centenas de milhares de trabalhadores à volta das suas necessidades, cada vez maiores, ou do agravamento do seu nível de vida, etc. Os trabalhadores e o povo em geral tem-se unido à volta destes problemas. Parece-nos que esta unidade, esta unidade real e evidente tem encontrado nas estruturas superiores do Movimento Sindical Unitário certas dificuldades de persecução. Tem havido como que uma quebra na qualidade dessa unidade, porquanto, a unidade que nos aparece nas acções de massas não é a mesma, porque a dinâmica também não é a mesma, das estruturas do Movimento Sindical Unitário. A este nível essa unidade que é recebida da base sofre influencias que algumas vezes a prejudicam. As cargas partidárias são muito grandes e para os dirigentes sindicais, que na grande maioria são também quadro partidários, nem sempre é fácil conjugar a dinâmica de base com a dinâmica, chamemo-la de cúpula. Como nem sempre é fácil conjugar a dinâmica sindical e a dinâmica partidária, que para nós, quando correctas e correctamente interpretadas não só se conjugam naturalmente como até necessariamente se devem completar.

Assim, a unidade vinda dos trabalhadores em vez de completada e até fortalecida a nível da estrutura sindical, aparece, por vezes, fendida, adulterada ou mal aproveitada. Assim também, o assistimos, por vezes a antagonismos trabalhadores/organizações sindicais ou trabalhadores/partidos, fortemente prejudiciais à tão necessária unidade.

Parece-nos finalmente, que todo o partido, toda a organização sindical, todos os trabalhadores, verdadeiramente interessados em desenvolver trabalho critico e autocritico, correcto, honesto e coerente, um trabalho isento de interesses pessoais, toda uma acção não sectária, em prol da defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores, contra o divisionismo e pela verdadeira unidade terão que refletir, terão que rever a sua actuação. Terão que corrigir, e duma forma limpa, assumir-se perante as suas responsabilidades.

A unidade para nós, não é um slogan. É uma necessidade. É uma obrigação imperiosa.

Trabalhamo-la. Discutimo-la. Construimo-la. Por ela e para ela continuamos disponíveis. É para nós o maior ponto de honra.



## SEMINARIO SINDICAL DE HIGIENE E SEGURANCA NO TRABALHO



Promovido pela CGTP-III, realizou-se a 12/5/79 o Seminário de Higiene e Segurança no Trabalho, na Faculdade de Letras de Lisboa.

Porque nem em todos os locais de trabalho foram distribuídos os textos base e consequentemente feita a sua discussão e análise, nós, que também não os discutimos, estivemos no entanto presentes. Damos por isso a nossa participação, através da nossa presença interessada, como observadores, e o seu relato, através deste Boletim.

Estiveram presentes, e na qualidade de convidados quatro representantes dos Ministérios do Trabalho e da Indústria e Tecnologia, respectivamente.

Na mesa, para além de quatro elementos do secretariado da Inter, representantes de Sindicatos e Federações, um técnico da Organização Internacional do Trabalho - Dr. Grvilescu.

Os trabalhos começaram com uma saudação ao Seminário e leitura de um relatório sobre o trabalho desenvolvido nesta matéria. Seguiu-se a intervenção do Dr. Grvilescu e da qual parece-nos de salientar os seguintes aspectos: Na retrospectiva e análise das transformações operadas noutros países, neste campo, o esclarecimento e a participação directa dos trabalhadores constituiu sempre a nola real dessas mesmas transformações e os consequentes resultados positivos.

"Nenhum trabalho pode ser levado a cabo sem a grande participação dos trabalhadores e suas organizações, na elaboração de medidas legislativas, como também na forma de aplicar essas mesmas medidas. A mais potente máquina burocrática é inferior à participação directa dos primeiros interessados em defender a sua saúde - os trabalhadores. Isto só pode ser feito a partir dos locais de trabalho, devendo o Estado pôr à disposição os meios necessários à colaboração dos próprios trabalhadores. A maior obrigação de todos nós é assegurar a saúde da Nação, a partir da saúde individual. Não se pode realizar o progresso, no domínio social económico se se continuar a pagar tão caro em vitimas (centenas de milhares de trabalhadores mortos, por acidentes de trabalho ou incapacitados por doenças profissionais). Os trabalhadores já não aceitam ser o objecto, mas sim o sujeito".

Estes alguns extractos de uma autêntica lição a aproveitar.

Os trabalhos prosseguiram divididos por três secções:

- a) Higiene e Segurança do Trabalho, como meio de prevenção dos acidentes de trabalho e doenças profissionais.
- b) A formação de quadros sindicais em matéria de higiene e segurança no trabalho.
- c) A organização do Movimento Sindical perante a Higiene e Segurança no trabalho.

Optamos pela ultima, por nos parecer a componente mais importante, até mesmo essencial, às transformações que se pretendem.

A condução destes trabalhos foi feita pelo elemento do secretariado da Inter - Antero Martins, elemento que no campo da organização, o Movimento Sindical Unitário muito lhe deve, por trabalho concreto desenvolvido e por nós acompanhado.

Verificou-se através das intervenções de delegações presentes, a organização dos trabalhadores que em algumas empresas, constituíram comissões de EST e cuja acção desenvolvida não tem sido mais positiva devido a deturpação introduzida por elementos que integram essas comissões em representação das entidades patronais, nem sempre viradas em defender os interesses e direitos dos trabalhadores, das próprias empresas e do País.

Das intervenções da estrutura sindical, própria mente dita, podemos apurar que: a consciencialização, esclarecimento e motivação, factores essenciais dum processo desta importancia são a tónica principal, e no entanto tão descuidada por parte da maioria da estrutura sindical. Neste sentido ouvimos e com bastante agrado, algumas intervenções de critica e autocritica, que pelo seu conteúdo demonstram uma vontade de avançar em trabalho correcto, real e objectivo. Citamos: - Sindicato dos texteis do Sul "Sector de características

especiais nesta matéria, dado a preponderância de salários muito baixos e de condições favoráveis à contração de doenças profissionais. Necessidade urgente de um movimento de opinião pública, e exigir de todos os órgãos de informação e do poder. É de facto necessário a eleição de delegados para as comissões de EST, nas também e em paralelo terá de haver todo o apoio do Movimento Sindical Unitário a estes delegados, de modo a não lhe serem criadas dificuldades e consequentemente desmobilização, tantas vezes já verificada". Ainda dos textos e da sua Federação ouvimos: - "Esta matéria foi bastante descurada o que nos originou falta de trabalho no tempo que tivemos. Verifica-se que nos Sindicatos esta matéria não é agarrada como deve ser, o que origina um trabalho tão pouco positivo como o verificado. Temos de pressionar os Sindicatos, as Uniões e Federações a não descurar esta e outras matérias de tal relevância, nas sin fazerem um trabalho altamente profundo. Estamos a elaborar na Federação um Regulamento sôbre estas questões em conjunto com o Departamento da Inter".

Da união de Leiria, a qual nos pareceu reunir um trabalho mais desenvolvido, e senão vejamos: - "Fizemos um trabalho no Distrito em empresas com mais de 50 trabalhadores, contactando um total de 129 empresas, consideramos que o trabalho é ainda bastante insuficiente. Só 40% dos CCTs estão contemplados com estes problemas. A nível da constituição de comissões, verifica-se uma percentagem de 20%. Apenas em 9 empresas havia trabalhadores com conhecimentos nesta matéria e só em 2 a existenci de técnicos. Num montante de 5.244 trabalhadores, 375 corriam o risco eminente de contrair doenças profissionais."

De outro extracto desta intervenção, citamos: "consideramos que não cumpre só ao Estado estes problemas, nas sin e também ao Movimento Sindical. Que não se verifique mais o aparecimento de contratações onde esta matéria não esteja a coberto e isto é da responsabilidade das Uniões, Federações e Sindicatos. Consideramos que o Movimento Sindical Unitário ainda está insuficiente nesta matéria".

Salientamos também a intervenção do Sindicato dos Ferroviários do Sul, que numa critica ao Movimento Sindical, disse: "Os trabalhadores não se ganham só para a luta salarial, devem ganhar também para estes aspectos que são indirectamente parte salarial. O Movimento Sindical não se tem detido da melhor forma neste sentido, e isto é uma realidade sentida por nós."

Da intervenção da comissão de EST da Portucel de Setubal extraímos: - "Os camaradas ao saírem daqui têm responsabilidades muito maiores". A essas responsabilidades deve corresponder todo um trabalho que desejamos ver continuado e desenvolvido, acrescentamos nós.

Os trabalhos encerraram com uma intervenção politica (de circunstância) feita por Antero Martins, seguida da leitura e aprovação das conclusões e de um manifesto. Ambos os documentos foram aprovados por unanimidade e aclamação.

#### CAMPANHA DE SOLIDARIEDADE DE TRABALHADORES PARA TRABALHADORES

Já recebemos e distribuimos os seguintes artigos:

Roupa de homem	-	32 peças
" " mulher	-	66 "
" " criança	-	77 "
Artigos escolares	-	24 cadernos escolares

Temos em nosso poder mais alguns volumes, ainda não relacionados, cuja discriminação incluiremos no próximo Boletim.

Consideramos desde já positivo todo o trabalho relacionado com esta iniciativa por todo o conteúdo que está a recolher, que não se limita aos artigos recebidos.

Há que continuar, amigos. Deem o vosso contributo.

É válido o trabalho. É válida a experiência.



## ENCONTRO DE REFORMADOS DE LISBOA E SETUBAL

(Coliseu dos Recreios-19/5/79)



Pretendemos iniciar com este artigo, um processo de informação e divulgação sobre os problemas dos reformados e suas lutas.

As preocupações dos reformados sempre mereceram a alguns colaboradores do nosso/vosso Boletim, para além de toda a atenção, trabalho profundo e o maior respeito. Parece-nos que toda a experiência, informação e documentação que possuimos, podem constituir um contributo válido para este tema, que nos propomos abordar e desenvolver.

No Encontro de Reformados de Lisboa e Setubal, realizado no Coliseu dos Recreios, com a sala praticamente cheia, anotamos alguns extratos de intervenções de representantes do MURPI (Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos), de Comissões Regionais e Locais e do representante da CGTP-IN Alvaro Bana.

Os reformados continuam a lutar pela satisfação do seu Caderno Reivindicativo, entregue ao Governo em Novembro de 78, que entre outros aspectos, aponta para as reformas mínimas iguais ao salário mínimo nacional, medicamentos gratuitos, descontos nos transportes, nova política de habitação e cabaz de compras compatível. Os reformados congratularam-se pela aprovação na Assembleia da República do Projecto do Serviço Nacional de Saúde, exigem o cumprimento da Constituição e reclamam a substituição do Governo Neta Pinto. Mostram-se apreensivos quanto à passagem na AL do novo OGE e em relação ao agravamento da fome que se verifica em muitos lares. -"Estamos a passar muitas dificuldades para suportar a vida. Após o 25 de Abril, temos recebido muitas promessas, - e o que têm? Como vamos votar? Os reformados adoecem e vão ao médico, e este, receita-lhes medicamentos que não podem comprar e prescreve-lhes dietas que, sendo indispensáveis para o seu estado de saúde, as suas reformas não suportam, - o que fazemos?" Foram estas, algumas das angustiosas questões que ouvimos pôr aos reformados. "Gostaríamos de ver o Sr.Neta Pinto a viver três meses no campo com Esc.1.150.000 (reforma dos rurais) e depois mais três meses na cidade com Esc.2.750.000", ouvimos noutra intervenção.

Por um representante de uma organização local, foi dito que: - "Em 1974, foi criado o primeiro Movimento de Reformados, que ainda se mantém. " Num outro passo da sua intervenção disse que: - " Tem-se feito muita coisa, mas isto ainda não chega, isto não dá nada. Temos que ir para as portas dos Ministérios e suas delegações. Se mais nada fizermos, mais tarde seremos julgados."

A todas estas preocupações dos reformados"o Governo tem respondido com uma política capitalista ditada pelo Fundo Monetário Internacional dando chorudas indemnizações aos "pides" e sabotadores da economia, à custa da exploração escaebrosa das classes laboriosas. Embora o Governo venha a afirmar nos órgãos de comunicação social que irá aumentar as reformas em 25%, o OGE não prevê isto, antes pelo contrário, inclui 1,8 milhões de contos retirados à Previdência, para além das dividas à mesma, por parte do patronato, atingir presentemente 20/25 milhões de contos, dinheiro este, que está a ser utilizado a juro baixíssimo por aqueles que continuam a explorar-nos. Esta política, que tem vindo a ser seguida pelo Governo Neta Pinto, através do aumento das rendas de casa, contra o Serviço Nacional de Saúde, aumento de combustíveis, diminuição dos produtos do cabaz de compras etc., é uma política de morte lenta, não menor do que as câmaras de gás nazis".

Da intervenção do representante da CGTP-IN, Alvaro Bana, destacamos que:- "O Movimento Sindical Unitário, através da CGTP-IN, inclui como reivindicações suas as preocupações dos reformados, lutando sem desvanecimento pela satisfação das suas justas reivindicações." Disse também este elemento que:-"A CGTP-IN continua a sua acção de combate ao Governo Neta Pinto, exigindo que se demita ou que o demitam." E sobre o Serviço Nacional de Saúde: -"não será possível com este Governo." Disse também que a CGTP-IN e os trabalhadores no activo continuam a cumprir a obrigação de apoiar o Movimento dos

Reformados, as suas lutas e reivindicações. E a terminar:- "O Governo Mota Pinto está ferido de morte. Impõe-se a sua substituição por outro Governo que respeite o Portugal de Abril, principio este que por nós, é intransigentemente defendido".

No final dos trabalhos foi aprovada por unanimidade e aclamação uma proposta para que se façam manifestações junto ao Ministério dos Assuntos Sociais e Assembleia da República. O MUEFI ficou de organizar a persecução desta proposta. Também por unanimidade e aclamação foi aprovada uma noção reivindicando o cumprimento da Constituição, medidas efectivas para recuperação das dividas à Previdência, a não retirada à Previdência de encargos que não lhe dizem respeito e o cumprimento do Caderno Reivindicativo entregue em Novembro de 78.

Algumas notas à margem deste Encontro: Num tasca próxima, onde um pequeno grupo de reformados bebia o seu copito, ouvimos dizer a um:-"eu vou, mas isto não vale nada, continuamos na mesma e cada vez pior. Eu queria era vêr o Mota Pinto a viver com as nossas reformas". A expressão deste reformado, com vincadas rugas de trabalho, fone e preocupações a marcaren-lhe o rosto já velho, terá que impôr o minimo respeito e dignidade a qualquer Governo, assim como toda a reflexão a todos os que dizem apoiar a sua luta.

Perguntou-nos um colaborador da CGTP-IN num dos corredores do Coliseu:- "O que é que vocês fazem aqui? Ainda estão muito novos para serem reformados..."

Tratando-se de um elemento que tem a nossa idade, surpreende-nos (?) a sua contradição. Então a CGTP-IN sela e apela (?) publicamente o apoio aos reformados, por parte dos trabalhadores do activo, e mostra-se tão admirada pela continuação deste apoio, por parte de trabalhadores, que desde o primeiro minuto estiveram e continuam a estar (em teoria e na prática) com os problemas e organização dos reformados e dos trabalhadores em geral?

Após termos assistido a mais este Encontro de Reformados, continuamos a concluir:

- 1- Que é inadmissivel que homens que venderam tão barato, durante tantos anos a sua força de trabalho, continuem, em condições péssimas de vida a reivindicar o que lhes deveria ser garantido em termos minimos de justiça social.
- 2- Que sucessivos governos continuem a mostrar um completo desprezo pela situação dos reformados, extracto da população que deveria merecer da sua parte, atenção prioritária.
- 3- Que o compromisso de apoio que o Movimento Sindical e outras forças têm assumido em Encontros de Reformados não têm tido concretização prática, para além da realização de Encontros e outras manifestações de massas.
- 4- Que a unidade possivel e necessária entre os reformados em volta dos seus problemas concretos, tem sido, ora prejudicada ora aproveitada, por um lado por parte de governos que em ocasiões muito específicas, avançam com promessas que não cumprem, e por outro lado por extractos de forças partidárias e sindicais, que continuam a simular a falta de trabalho e de apoio efectivo com a realização de Encontros que, por si só não podem constituir a resposta que os reformados continuam a reclamar.

Meus senhores: Basta de verbalismos, basta de eleitoralismos, basta de oportunismos e de aproveitamentos. Os reformados precisam do nosso trabalho, do nosso efectivo e pratico apoio, e do nosso respeito.

DE ANTONIO ALBIXO, DUAS QUADRAS

Gosto do prâto no branco,  
como costumam dizer:  
antes perder por ser franco  
que ganhar por não o ser.

Contigo em contradição  
pode estar um grande amigo,  
duvida mais dos que estão  
sempre de acôrdo contigo.



## E OS TRABALHADORES ?...

Na Assembleia da República foi aprovado pelo PS, PSD e CDS o Projecto do primeiro destes partidos sobre as Comissões de Trabalhadores. Também pela direcção do Partido Socialista foi apresentado à Assembleia da República o Projecto-Lei sobre Associações Sindicais. Entretanto a UGT lança um repto à CGTP-III :- que a nível nacional, os trabalhadores se pronunciem sobre as duas opções, CGTP-III ou UGT. Se juntarmos isto à dança dos gestores da Banca em que, por exemplo o Sr. Vakil (o tal das lutas comzainas e entradas em salas de jogo do Casino, à custa dos trabalhadores) é transportado da Siderurgia para o Banco de Fomento (como humor negro até está certo, só que nós pensamos que o Banco de Fomento é Nacional e não barrigal). Se juntarmos isto, como diziamos, ao desaprovado/aprovado OGE e ao primeiro ministro que tanto tempo levou a encontrar as chaves do carro, à indesejável presença no Tejo do arsenal mortífero flutuante, que é o porta-aviões e os lança misseis americanos, que por serem nucleares, exigem medidas de segurança, nas quais, segundo nos consta, o Governo se borrifou, temos um verdadeiro quadro do que vai por este país contra os trabalhadores e contra a independência nacional.

Quanto ao aprovado projecto contra as comissões de trabalhadores, que, se não bastasse a Constituição na leitura que fazemos aos seus artigos 55º e 56º, bastaria vêr quem o aprovou na Assembleia da República: O CDS e o PSD, coerentemente, porque sendo partidos de direita terão que se assumir como tal e assumiram-se, a direcção do PS borrifando-se nos seus militantes de base e nos trabalhadores que o elegeram quando votaram socialismo, faz a sua guerra à CGTP-III e ao PCP e dá total cobertura à "Central" que inventou. E os trabalhadores?...

Na mesma linha, se encontra o Projecto/Lei da direcção PS sobre a Lei Sindical, que no fundo, ferindo igualmente a Constituição é a tentativa de institucionalização da prática estatutária de sindicatos absolutamente minoritários.

E aqui, também: - E os trabalhadores? ... Porquanto, se por exemplo o interesse dos trabalhadores passa por, agarrando uma prática sindical, ir corrigindo as Assembleias Gerais para as tornar cada vez mais participativas e democráticas, os senhores responsáveis pelo Projecto-Lei Sindical visam simplesmente acabar com as Assembleias Gerais, pretendendo fazer calar não só os trabalhadores em geral, mas também os partidários opostos e criar o Congresso, em que só uma meia dúzia de pessoas escolhidas, possam pensar e falar.- E os trabalhadores? ...

A acompanhar tudo isto vem o repto da UGT à CGTP-III. Repto de tribuna a tribuna. O que é que os trabalhadores têm a vêr com isto? Então esses senhores, por um lado pretendem fazer calar os trabalhadores e por outro pretendem que eles digam coisas, mas de uma só forma? Os trabalhadores falam todos os dias e todos os dias dizem coisas importantes. E opções também se fazem diariamente. Só que há falta de quem os ouça e de interpretes autênticos e de corpo inteiro.

Ainda recentemente no 1º de Maio muita coisa foi dita pelos trabalhadores e não só. Os trabalhadores disseram que não suportam o seu cada vez mais baixo nível de vida, disseram que não ao Governo Mota Pinto, gritaram contra o teto salarial e pela Reforma Agrária. E gritaram Unidade, em grande parte fazendo-a. Voltamos a dizer que estivenos na Alameda, no Alvíto e até, e também frente a S. Bento. Só que, o que ouvimos dizer aos trabalhadores e ao povo em geral não foi divisionismo, nem foi sociais-fascistas fora dos sindicatos, nem que por cá tudo bem. Isto é o que se diz das tribunas e de tribuna a tribuna. Junto à relva disseram-se coisas diferentes. A linguagem é outra e é pena que essa linguagem continue a não ter a melhor resposta.

O Movimento Operário e o Movimento Sindical foram sempre naturalmente unitários, isto há mais de cem anos. As tentativas de divisão não vieram dos trabalhadores. As derrotas, essas sim, vieram sempre que os trabalhadores se deixaram dividir. Entendemos por isso, que o Movimento Sindical Unitário deverá ser, cada vez mais unitário, participativo e forte, interprete fiel e real das massas que representa e consequentemente das responsabilidades que

## A CRIANÇA E A RAZÃO

O ponto central duma sociedade, que se pretende correcta, de uma sociedade sem explorados nem oprinidos, consequentemente de uma sociedade socialista - É O HOMEM. Cada vez mais este conceito se torna uma necessidade e uma esperança, bem sentida, do nosso povo. O seu objectivo está claramente definido: o de proporcionar a todo o cidadão melhores condições para uma vida feliz e satisfatória.

No nosso entender, este principio e este objectivo não se pode isolar, e passa necessariamente pela criança.

A criança é o amanhã, o futuro da humanidade, o bem mais valioso de um povo de uma Nação. A criança é o homem de amanhã, é uma das maiores, senão a maior componente da transformação que se pretende. Dentro de alguns anos (esperemos que não muitos), os que agora precisam de cuidados, de preparação para a vida, participarão e serão a concretização das nossas aspirações. As condições que têm obrigação de lhe criar, a forma como são educadas para o futuro e até a forma como aprendem, é decisiva para a paz, para o progresso social, para os direitos assegurados ao trabalho, à instrução e ao respeito da dignidade do Homem.

A criança tem um papel preponderante e contamos com ela para um Portugal democrático, livre e independente, um Portugal socialista. No entanto, não podemos esquecer, cumprindo, os seus direitos, não de uma forma abstrata, mas sim, de uma forma concreta, objectiva e essencialmente sentida. As crianças dedica-se todo o anôr, cuidados, reinvindicam-se condições essenciais à sua formação, consagram-se-lhe direitos, defendem-se principios, mas existem deficiências de aproveitamento das suas potencialidades, que podem causar atrasos no desenvolvimento que mais tarde serão muito difíceis de recuperar.

Está demonstrado através do tempo e de uma realidade inegável, o papel preponderante que a criança, como criança, tem tido no campo politico, no campo de luta e nas revoluções. Ela sabe organizar-se, sabe enquadrar-se no contexto politico, tem a verdade e a justiça a seu favor desde que deva e correctamente aproveitada. Não deve e não pode ser utilizada como instrumento demonstrativo e absolutamente frustrante, quando por ela apercebido. A ela deve ser dado o exemplo de uma dignidade real, transmitida a confiança que nela depositamos, demonstrado com absoluta clareza o ideal que por se luta e a grande importância que ela tem numa Nação e na humanidade.

Se lhe conseguirmos mostrar e provar com a verdade prática, tudo isto, então sim, podemos contar com uma sociedade justa, com o HOMEM NOVO.

//

## E OS TRABALHADORES?... (Cont.)

assumem. Daí, que a unica alternativa que vejamos, seja uma CGTP-III, critica e auto-critica e que limpida e coerentemente corrija os seus erros. Não permitiremos infinitamente que se continue a jogar, a arriscar e a pôr em causa a maior organização de trabalhadores só para salvaguardar a impunidade de certos responsáveis (irresponsáveis para nós) que necessariamente terão campo de actuação mais adequado, do que no seio do Movimento Sindical.

É sempre mau para os trabalhadores o pôr em causa o prestigio duma organização a pretexto de salvaguardas individuais. Para isto, não contam connosco.

//

P'lo "ESCLARECIMENTO

*Reis*  
(Maria de Lourdes Reis)

